



TÉCNICA DE REIMPLANTE DE TRANSPONDER (“MICROCHIP”) EM *Geochelone carbonaria* (SPIX, 1824)(Reptilia; Testudinata)

Autores: Carlos Alexandre Pessoa, Marcus Buononato (Biólogo)

Rua Feliciano Bicudo 154 ap 52 – Vila Paulicéia – SP –:02301-020 : mvet@terra.com.br

O comércio legalizado de animais silvestres nascidos em cativeiro é uma atividade muito difundida em diversos países, que gera milhões de dólares e uma gama gigantesca de profissionais envolvidos em todo o suporte técnico. No caso de répteis o único sistema possível, à exceção aos quelônios aquáticos de médio e grande porte que utilizam lacres presos às nadadeiras, é o transponder ou "microchip". Cada "microchip" possui um número específico que é gravado no momento de sua fabricação. Esta numeração é inviolável e imutável. Uma das finalidades deste artigo é dar subsídios aos profissionais para que compreendam como minimizar os possíveis problemas decorrentes de implante de "microchip" em pequenos quelônios terrestres. O presente artigo descreve seis casos clínicos provindos de um montante de 450 unidades de jabutis da espécie *Geochelone carbonaria* que foram comercializados ao longo de um ano. Destes cerca de 2 a 3% dos indivíduos manifestaram problemas posteriores oriundos da microchipagem e expulsão do mesmo. Em 60% dos casos atendidos a necessidade da retirada do microchip se fez necessária. O transponder encontrava-se envolto por um exudato caseoso sempre com uma das extremidades exteriorizadas do animal, impedindo a cicatrização da ferida e possibilitando a entrada de excrementos do animal ou de seus companheiros na ferida aberta. Foram utilizados 6 animais com idade aproximada de 1 ano. Os animais em estudo pertencem ao gênero *Geochelone carbonaria* com peso variando de 54 a 90 gramas. Todos os animais foram submetidos ao seguinte protocolo: na sala de cirurgia cada animal foi posicionado em decúbito dorsal, sendo mantido por um auxiliar que também tracionava o membro posterior direito na direção caudal (membro oposto da primeira microchipagem), enquanto era realizada a antisepsia do local a ser realizado o procedimento com degermante a base de povinilpirrolidona iodo. Após três repetições, o local era lavado com solução salina estéril em abundância e secada posteriormente com gaze estéril. A agulha do implantador foi posicionada obliquamente a pele e introduzida no subcutâneo do animal. Realizou-se posteriormente a retirada da agulha sutura simples separada com fio inabsorvível Nylon 5-0. No pós-operatório os animais receberam limpeza do local do implante com povinilpirrolidona iodo diluído 1 ml em 500 ml de solução fisiológica, duas vezes ao dia e oclusão do acesso a ferida cirúrgica com algodão. No 15º dia foi retirado o ponto de cada um dos animais. Após a “cirurgia”, os animais foram examinados diariamente dando-se especial atenção a possível contaminação do local da ferida cirúrgica com excrementos. Os animais foram mantidos em sua totalidade em uma caixa medindo 1 m², com temperatura média de 32 C durante o dia e 28 C durante a noite. Mesmo tendo iluminação artificial específica para répteis (lâmpada fluorescente capaz de emitir radiação UV-B) os animais eram diariamente colocados em recinto aberto por cerca de uma hora, em local de insolação direta e sombra. Em todos os processos foram utilizados, como substrato, folhas de jornais que eram trocadas constantemente, evitando o acúmulo de fezes. Utilizando-se esta sequência pré, trans e pós-cirúrgica, ao final do décimo quinto dia todos os indivíduos apresentavam-se com a ferida cirúrgica completamente cicatrizada e alimentando-se normalmente.